

revista

intransitiva



volume 1
dez/2017

λ FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de
Anglo-germânicas

Revista ⁱⁿtransitiva

Conselho Consultivo

André Cardoso (UFF)
Laura Patricia Zuntini de Izarra (USP)
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)
Paulo H. Britto (PUC-Rio)

Conselho Editorial

Adriana Jordão (UERJ)
Amanda Carraro (UFRJ)
Angélica Castilho (CAp-UERJ)
Daniel Malta (UFRJ)
Danielle Galindo (UFPEL)
Davi Bretas (UFRJ)
David Francisco (UFRJ)
Diana Melo (UFRJ)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Érica Schlude Wels (UFRJ)
Ieda Magri (UERJ)
Leonardo Berenger (PUC-Rio)
Luana Carolina da Silva (UFRJ)
Luisa Geisler (Editora Alfabeta)
Michela Rosa Di Candia (UFRJ)
Rafael Mendes (UFRJ)
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)
Tarso do Amaral (UERJ)
Victor Schlude (UFRJ)
Viviane Moraes (UFRJ)
Willian Machado (UFRJ)

Pareceristas

Aline Alves (UFRJ)
Aline Esteves (UFRJ)
Álvaro Alfredo Bragança Junior (UFRJ)
Ana Clara Waltz Brum (UFRJ)
Débora Souza da Rosa (UFRJ)

Gabriela Luna (UFRJ)
Janine Pimentel (UFRJ)
Juliana Ricardo (UFRJ)
Leonardo Mendes (UERJ)
Luciana Villas-Bôas (UFRJ)
Mariana Farias (UFRJ)
Roberto Rocha (UFRJ)
Gabriel Chagas (UFRJ)
Wallace Carvalho (UFRJ)

Ilustrações

David Francisco (UFRJ)

Diagramação

Luana Carolina da Silva (UFRJ)

Logo

Helena Gomes Freire (UFRJ)
Luana Carolina da Silva (UFRJ)

Revisão

Amanda Carraro (UFRJ)
Daniel Malta (UFRJ)
Diana Melo (UFRJ)
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)
Willian Machado (UFRJ)

Web Design e Suporte Técnico

Rafael Laplace (UFRJ)

Primeiro Volume, edição *Liberdade*

Autores e Textos

1. Editorial

2. *O Cigarro* – Marcus Merelli

3. *Balada das águas mortas do Rio Doce* – William Soares dos Santos

4. *Beijo Inesperado* – Simone Daumas

5. *Pássaro* – Luiz Felipe Salviano

6. *O sol que nascia do teto preto* – Natália Noronha

7. *Um doze avo* - Marco Antonio Notaroberto da Silva

8. *Jovens no ônibus* - Priscila Saemi Matsunaga, Carolina Fabiano Carvalho, Ligia Maria Monteiro, Mariana Jabor, Matheus Dias

9. *À medida que os olhos transpassam* – Andrei Ferreira

10. *Livre de Verdade* – Luiz Leonardo de Freitas Austin Haus

11. *O Fogo e a Chama* – Felipe Moreira Caldas

12. *Se és Livre* – Pedro Wöhlcke Thiengo

13. *O pássaro mais estranho* – Mariana Muniz Pivanti

Libertar, verbo intransitivo

Fez-se a ***intransitiva***.

Fruto do esforço coletivo de estudantes e professores universitários, a revista que agora apresentamos é um campo aberto à criação artística. A vontade de produzir criativamente era latente, ainda que tímida nos estudantes universitários que fizeram parte da concepção desta revista. A maior parte era isolada em seus perfis da Medium, ou blogs esquecidos, talhando palavras no silêncio e para fora de nossos muros. No prédio da Letras, espaço que cultiva a linguagem e a literatura, não eram mais escritores. Nos fazíamos outras: alunos, monitores, professores, colegas; não mais artistas. O incômodo do corpo docente que nos observava se materializava na pergunta que agora nos impulsiona: vocês não escrevem? Mais do que um gesto afirmativo, exclamamos uns aos outros essa questão, perseguindo uma comunidade da qual agora fazemos parte. Um singelo grupo que em um ano cresceu impressionantemente, e que agora já configura uma rede: teias de autores, editores e colaboradores. Abrimos, então, a porta que faltava: a do leitor. Convidamos você a fazer parte deste universo onde o privilégio é a arte. A criação é nosso imperativo, sempre acompanhado de um desejo de circulação.

Nessa edição, propusemos o exercício da escrita sobre liberdade. Nossos potenciais autores foram convidados a se debruçarem sobre essa engrandecedora pulsão de vida humana, pensando, por meio da linguagem, o que nos torna livres. Entre cigarros e jaulas de pássaros, convidamos você, leitor, a passear por nossos bosques da criação, reacendendo liberdade não enquanto algo de sujeitos, lugares ou condições de vida específicos, mas sim enquanto experiência existencial. Esperamos verdadeiramente que possa fruir sem amarras página a página. Incentivamos que todos que nos lêem participem de nossas redes de criação. Nosso desejo é que não se construam limites entre os papéis de leitores(as) e autores(as) que aqui desenhamos. Ou que eles estejam, ao menos, livremente borrados.

Uma ótima leitura!

Victor Schlude

*Em nome do Corpo Editorial da Revista ***intransitiva****

O cigarro



O Cigarro – Marcus Merelli

Biografia do autor: Apaixonado pelo Rio, Marcus Merelli escreve contos amadores tendo como cenário sua cidade, observando os pequenos conflitos internos e externos de personagens comuns, com leves dramas típicos da transição entre a adolescência e a vida adulta. O autor de 22 anos é aluno do curso de Letras Inglês/Literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo do texto: O conto descreve uma breve cena na vida de André, um jovem em busca de mais um pequeno passo rumo à vida adulta, com um cigarro na mão, sentado em frente a uma estação do VLT na Cinelândia, Rio de Janeiro.

Acabaria ali, jurou.

Ninguém poderia dizer que não, não àquela altura. Outro dia talvez viesse uma sensação ruim, mas André tinha certeza, pelo menos naquele dia, de que tudo acabaria por ali. Tinha descido do escritório na Almirante Barroso e seguido para a praça finalizar o ritual.

A Cinelândia já era muito mais bela do que quando começara a trabalhar por ali, dois anos antes. Nunca esteve na Europa, mas imaginava que fosse assim: edifícios históricos, fachadas de um século de idade, por trás das quais repousavam peças da mais alta cultura. Eram museus, bibliotecas, teatros? Era ridículo que nunca tivesse olhado além das fachadas. Em contraste, às suas portas funcionavam o VLT e suas estações modestas e modernas. Tudo cercado nem tão de longe pelos altos prédios sóbrios e com ar de ganância. Sempre achou que quem quer que tivesse a coragem de não amar as dualidades da arquitetura do Centro não tinha coração.

Não tinha, aliás, motivo sério algum para andar até ali. Mas após as reformas, André passara a sentar-se num banco à sombra, sempre que podia durante o almoço. Mas ali seria a última vez. Sentou-se. Após o almoço, a curta caminhada do prédio ao banco o levava muito mais longe – fugia dos números. Os malditos números! Ah, mas no fundo ele gostava. Cobrar clientes não era uma parte boa; explicar às pessoas que conhecia o que fazia da vida também não. Sempre simplificava tudo e dizia que trabalhava num escritório. Eu, particularmente, nunca entendi muito bem o que ele fazia. Mas também nunca fiz questão de perguntar – os números e computadores me interessavam tanto quanto as exposições dos museus faziam a ele. Mas ainda assim, gostava. Mexeu no bolso observando as pessoas entrarem e saírem do trem elétrico. Cada louco com sua mania.

Acendeu um cigarro e, sem nenhum protesto, entregou outro a uma mulher que pausou sua importante ida em direção à Candelária e lhe pediu um. Sobravam-lhe três no maço.

O céu era tão azul que não parecia real. André olhava para a direita e imaginava quantos semi-sortudos tinham a oportunidade de aproveitar aquela quarta-feira na praia a menos de quinze ou vinte minutos dali. Bem, não era realmente sorte, já que o Flamengo fica na Baía. Nem se sabe como alguém poderia entrar ali. Havia tempos que não aproveitava uma quarta-feira à tarde. Claro, havia férias, folgas, feriados. Mas nada era tão livre. Sentia falta de quando o azul saturado sobre sua cabeça não parecia zombar do excesso de paredes brancas e cinzas responsáveis pelo seu confinamento – assim como de seus colegas – por oito horas por dia, de segunda à sexta.

Não reclamava enquanto o cigarro perdia já vinte e poucos por cento de seu comprimento. Era uma das pequenas coisas às quais André nunca prestava atenção. Aposto que ele ficaria fascinado ao perceber que a cada trago as cinzas consumiam não só sua expectativa de vida, mas o próprio corpo do objeto. Até mesmo quando sua mão repousava sobre o colo – a borda de papel queimava e se desfazia mais depressa do que as cinzas por ela envoltas. As cinzas, por sua vez, perdiam força e caíam pouco a pouco no chão da praça. Ainda havia a brasa, porém. Ela queimava viva e não viria a apagar até que atingisse o filtro, ou que ele quisesse. Respirava fundo. Suspirava. Em alguma espécie de alívio. Acabava ali.

Apesar de nada ser tão fácil quanto fora anos antes, o peso de terminar uma faculdade retirado dos ombros fazia toda a diferença na vida de um jovem adulto de classe média. Decidira tirar um ano para si antes de continuar os estudos. André usava como desculpa uma suposta reorganização de sua vida, pensava em sair de São Francisco e vir morar do lado de cá da poça. Ainda assim, ele amava Niterói. Na verdade, quem é que conseguiria não amar aquele lugar também? Cinzas caíam em cima do sapatênis marrom. Seu emprego, seus amigos, sua vida dos vinte para cima, tudo estava no Rio. Pelo menos André era apaixonado pela nova Rio Branco. Mais da metade do cigarro já tinha ido embora a esse ponto.

Um casal saía do terceiro VLT que André via parar na estação. Tinham malas, mas não o suficiente para duas pessoas, observou. Mais um trago. Talvez um dos dois tivesse aterrissado no Santos Dumont apenas alguns minutos antes. Já esteve ali. Sorria. Era bom ver que a vida segue. Que há quem se encontre, há quem se despeça. Como ele mesmo olhou para sua mão e se despediu em silêncio do cigarro que já estava perto de se apagar. O casal seguia de

mãos dadas em direção à Presidente Vargas.

André pensou em voltar ao Tinder. Não ao Grindr, se achava maduro demais para isso agora. Mas talvez... bem, aquele era o almoço mais importante de sua vida até aquele momento, mesmo que o almoço, propriamente dito, já tivesse passado. Era sim uma boa ideia pensar no que viria depois, pensar em amores, encontros, formas de ocupar a mente. Precisaria disso, sabia.

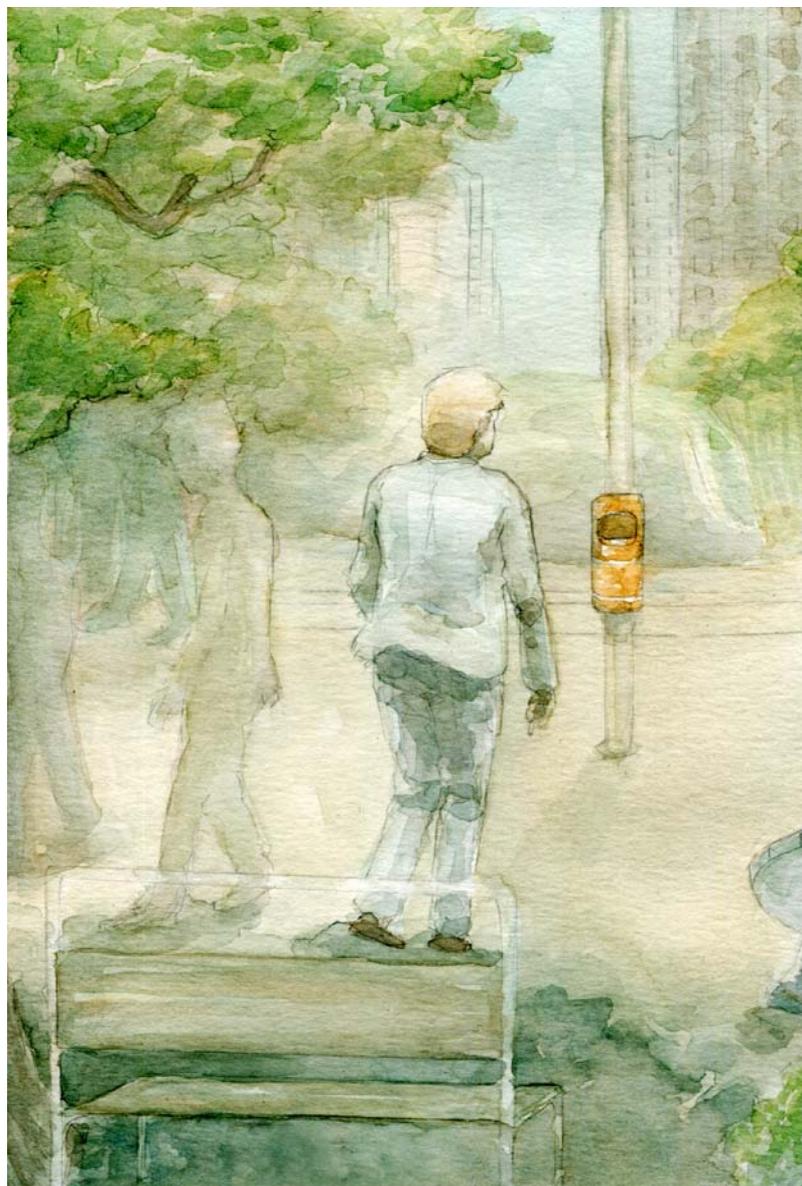
Após toda a reflexão, retirou o celular do bolso direito da calça. Tela desbloqueada. Chamou. Não era ao apartamento no qual vivia havia quatro anos além da ponte; seus pais moravam em outra ponta do estado, em Resende. Seu pai atendeu e André disse tudo – do início ao fim. Sempre teve medo de como o velho reagiria. No fundo, André ainda era um menino apenas, todas as proibições, regras e dogmas – que, em certo ponto, o afastaram do sul fluminense e o levaram à universidade mais distante na qual conseguira pensar – ainda lhe traziam insegurança. Para sua sorte e surpresa, ele entendeu. Foi até bem gentil. Sábio. Disse estar surpreso – não esperar – mas também prometeu apoiar incondicionalmente. Era um problema sério, achava, mas assegurou que eles conseguiriam superar. Não foi tudo, na verdade, ainda tinha coisas que o jovem achava que seu pai nunca entenderia. Ficaria para outro dia. Já era importante o suficiente que lhe entendesse o vício.

André bloqueou o celular e o colocou de volta dentro do bolso. Fazia algum tempo que não conversava com o pai, fazia mais tempo ainda que falar com ele não era uma coisa boa. Suspirou e teve certeza de que tinha feito a coisa certa ao tirar mais um dos pesos dos ombros. Agora tudo estava bem, tudo acabaria naquele momento. Levantou-se com um pouco mais de confiança do que tinha quando sentara ali. Caminhou até uma daquelas lixeiras laranjas nos postes. Nela havia uma placa de metal na parte inferior de sua boca com os dizeres: “apague seu cigarro aqui”. Assim André o fez. Jogou a bituca – o resto que tinha pouco além do filtro – dentro da lata de lixo e seguiu de volta em direção à Almirante Barroso. Sorriu. Era um grande símbolo.

Por sorte, encontrou a mesma moça que lhe pedira um cigarro minutos antes, talvez ela tivesse parado para comprar algo com um dos camelôs ou coisa assim. Aproximou-se e tocou-lhe o ombro. André ofereceu-lhe o resto do maço e seguiu ao escritório.

Não julgarei, nem direi, ou especularei se André fumou um cigarro ou outro após aquele dia. Isso não importaria.

O que importa é: aquele era o último cigarro; sentia-se livre. E tudo acabaria ali.



Balada das águas mortas do Rio Doce

Balada das águas mortas do Rio Doce – William Soares dos Santos

Biografia do autor: William Soares dos Santos é Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ e Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Professor da UFRJ e escritor.

Resumo do Texto: Poema sobre a tragédia do Rio Doce.

Tento
apreender
as rodas do vento,
as rodas do ar,
as voltas do rio,
as voltas do tempo.

Quanto senso
é necessário
para fazer renascer
as águas mortas
pela infâmia?

Era uma vez um rio surgido
da Serra da Mantiqueira
e de suas entranhas.
Do encontro
das águas do
Carmo com as do Piranga
e, que por sua lida,
inundava com seu bastião
toda aquela vida.
Era um amor profundo
que tornou, das terras,
aquele vale
o mais fecundo.

Rio Doce era o seu nome.
Quanto tempo o rio levará
para renascer da vida
o seu enxame?
Se estão as suas águas mortas,
ao reviver, será o mesmo rio,
com as suas vias tortas?

Ou será outro rio, ressurgido
de suas margens açoitadas,
e de suas
ondas abortadas?

Poderá renascer o rio,
depois de ter sido devorado
em suas entranhas?
O que o salvará?

A mão dos homens
e suas barganhas?

Quanto tempo leva,
o Rio Doce,
a desaguar no mar
desde o seu nascimento?
Quanto tempo a
nostalgia das ondas em seu
imorredouro sofrimento?

Quanta água leva,
até a gênese do rio
e o seu correr?
Terão as correntes
a sua própria
estação de nascer?

De aprender a achar seus caminhos,
de amar outras nascentes e
desandar dentro
da terra seus carinhos?

A barragem da mineradora
era mal formada,
porque por homens construída.
Como deter a força da água enlameada,
quando ela irrompe, com seus vórtices,
desinibida?

Quanto tempo gera o tempo,
para apagar dos homens
os seus quereres
e a sua antiética política
de mal amados seres?

De quem é a culpa
da morte do Rio Doce?
Da empresa
e seus escrúpulos?

Há uma voz que clama
além de nossa vontade,
há uma voz que diz que nós

enterramos o rio com a nossa
quotidiana vaidade.

Nós somos aqueles
que sustentamos
a ganância que leva ao inchaço.
Nós e a
nossa ambição do fútil,
cobiça do ouro,
cupidez do aço.

É das entranhas da terra que
retiramos a matéria da máquina
que expomos aos
nossos vizinhos com tanto orgulho.
É das vísceras da pátria que
retiramos as vigas para sustentar o nosso
civilizatório e nebuloso futuro.

Agora, às margens de Colatina,
quase tudo morreu.
Inclusive a narcísica figura
do que pensei que fosse eu.

Hoje não me vejo no rio,
ele não reflete mais a antiga imagem.
Aquilo que ele de mim revela
não é mais do que uma miragem.

É como se um ser abandonado se
negasse a querer nos ver
como um castigo para uma culpa indizível,
uma culpa que deveria permanecer,
por decênios, inesquecível.

Das águas mortas do Rio Doce,
inimagináveis criaturas surgem
percebendo o seu trágico fim.
Seres que por olhos humanos urgem,
agora subjazem à morte das águas
e revelam o seu morto mistério assim.

Seres subaquáticos de uma resistência indizível,
subjugados são pela morte de sua morada,

antes guardiã de seu segredo invisível,
igualmente o seu manto, mãe e alvorada.

De que adianta um poema insone,
uma balada fria,
diante
da dor infame?

Diante da morte que subtrai o
irreparável
e da vida que perde o seu útero
inexpugnável?

Quem renovará o destino das águas
que, agora, ganham vida somente
quando brotam das lágrimas
dos olhos sedentos dos homens,
das mulheres aflitas e das
crianças insones?

Aproveitemos para chorar
enquanto, do breve futuro,
restar,
a lembrança, dos dias divinos,
que
já não haveremos de deixar
de
herança para nossos filhos.

Eis que, assim,
em nossa triste e
breve aventura pelo
mundo
vamos tornando o nosso coração
mais imundo,
matando, pouco a pouco,
aquela que deveria ser
a mais grandiosa
realeza:

a humilde e generosa
Natureza.

Beijo inesperado

Beijo Inesperado – Simone Daumas

Biografia da autora: É Graduada em Letras- Português e Literaturas (Bacharelado) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Resumo do texto: Crônica sobre um beijo de batom ocorrido no vagão lotado do metrô, que acaba por transformar a vida de um homem.

Piiiiiii... O apito da porta fechando era um aviso pra decidir rápido: entrar ou não naquele vagão de metrô abarrotado de gente, como palitos em caixa de fósforos, correndo o risco de ser esmagada pela porta. Num gesto arriscado, apressada e atrasada como sempre, entrei. Comigo, para minha surpresa, mais uns três. A moça baixinha de batom bem vermelho também entrou na última fração de segundo, empurrada ou empurrando. O rapaz alto, vestido em camiseta branca de algodão, reclamou, em voz alta: e agora, o que eu digo lá em casa? Bastante irritado, ele não parava de olhar pro beijo bem marcado de batom, na parte de trás de sua manga de camisa. E continuou assim, até a estação seguinte, puxando a manga pra examinar melhor aquele belo beijo da baixinha, que nem se dignou a responder a pergunta e, atrevidamente, o ignorou por completo.

Não consegui disfarçar minha vontade de gargalhar, mas devo ter transparecido só um sorriso leve e maroto, de canto de boca, desses que expressamos sem querer, às vezes andando na rua, quando lembramos de algo muito engraçado.

Fiquei imaginando a cena dele chegando em casa e tendo que explicar pra Marta, a esposa ciumenta e pra lá de desconfiada, o inacreditável. Oswaldo era dominado por aquela mulher e quantas vezes sonhava em ter outra vida, mais tranquila e sossegada, com alguém de temperamento mais dócil, que o compreendesse e amasse de verdade.

Ele era um sujeito simples e trabalhador, sem muitas pretensões na vida. Era chefe do setor de almoxarifado de uma fábrica de eletrodomésticos e não se queixava do emprego. Tinha chegado a esse posto após doze anos de dedicação e se considerava um sujeito de sorte. Porém, Marta queria sempre mais, ambiciosa e invejosa, nunca estava satisfeita. Precisava de uma tevê maior, um celular mais moderno, qualquer novidade, que logo se tornava seu objeto de desejo, como aquela bolsa cara, que ele não deixou comprar. Naquele dia, concordou em ir ao shopping pra ver o filme “Malévola”. Logo depois, ela tentou passar o cartão pra comprar a maldita, mas o limite de crédito estava estourado. Pediu o dele emprestado e ele disse: de jeito nenhum. Pra quê? Foi o maior bafafá e veio uma briga infernal, que o fez pensar que Marta era uma verdadeira malévola, sem qualquer semelhança com a Angelina Jolie.

O sonho dela era ir pra Disney com ele, que nunca teve a menor simpatia pelo Mickey, ratinho esperto e enganador de nativos dos trópicos. Oswaldo estava mais para o Zé Carioca; gostava de praia, samba e de bem viver. Bom mesmo era beber cerveja com os amigos nos fins de semana, fazer um churrasco e escutar aqueles sambinhas antigos e tão bacanas. Não sabia tocar violão nem cavaquinho, mas batucava direitinho no pandeiro e cantava todas as letras de cor.

Enquanto ela falava que ele era um sem-vergonha de chegar em casa assim, de batom na blusa, ele pensava em tantas brigas e humilhações injustas que tinha passado ao lado daquela, por quem um dia tinha sido tão encantado. Ou seria “enfeitado” uma palavra melhor?

Marta trabalhava como caixa numa loja chique de roupas femininas. Não ganhava muito, a não ser em dezembro, mas tinha uma pose danada e estava sempre muito bem vestida, maquiada e de salto alto, esses requisitos pra trabalhar no ramo, que já tinham se incorporado à personalidade dela. Era bonita, sim, seus amigos nitidamente o invejavam, mas mal sabiam o que ele passava.

Ela nunca era carinhosa com ele, que às vezes se perguntava como tinha sido tão cego. Sempre que ele puxava o freio nos gastos desnecessários da mulher, tinha que escutar uma enxurrada de queixas: que ele devia buscar outro emprego, melhor remunerado, que ele estava estagnado na empresa e que parecia que não sabia fazer mais nada, que era preciso ganhar mais e mais, que ele só podia ser muito burro e incompetente pra ganhar tão pouco e que o marido da Ritinha, que trabalhava em logística, numa transportadora, devia ganhar muito mais, bastava ver o carro novo na garagem deles pra constatar isso, que ele devia voltar a estudar e aprender logística – vejam só! – que ele precisava pensar grande e que desse jeito ele não tinha futuro e ela – agora, a pior parte – não aguentaria essa vida miserê que eles levavam por muito mais tempo, que ele desse um jeito nisso e blábláblá... Quanta encheção de saco, meu Deus!

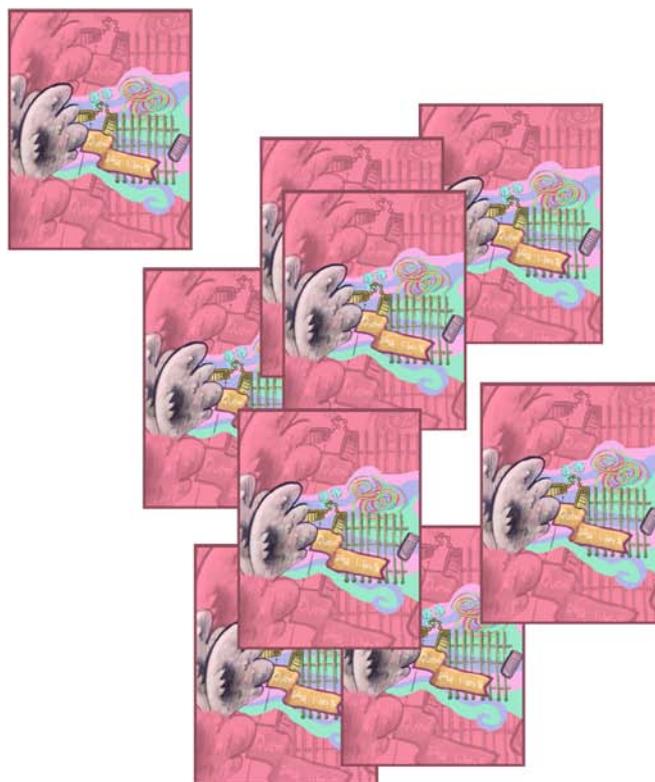
E agora, o que ela está falando? Que sou sem-vergonha? Mas se sou o cara mais sério que conheço! Ao contrário dos amigos, não gostava dessa história de arranjar mulher fora de casa. Afinal, tinha Marta, que era linda, toda pra si. Só chegava tarde do trabalho nas raras vezes em que dava diferença no estoque e era obrigado a conferir tudo. É bem verdade que, de uns dois anos pra cá, ela nunca estava muito disposta pra sexo, quando muito, transavam umas duas vezes por mês, muito menos do que ele gostaria. Cada vez mais ele precisava se aliviar no banho, um tanto triste e envergonhado de si mesmo. Mas sempre adiava tocar nesse assunto, tão difícil quanto delicado. Afinal, não gostava de cobrar nada de ninguém, muito menos amor de sua própria mulher.

O casamento, na verdade, não estava nada bem e ele sabia, mas não se preocupava muito e preferia seguir levando a vida. Devia ser normal, depois de seis anos de casados, não dá pra ser tão bom quanto antes. Marta tinha decidido adiar os filhos mais um pouco, ainda não era a hora certa, mas essa hora nunca chegava e ele também estava cansado de esperar. Não via a hora de ser chamado de papai. Aos 36 anos, já estava mais do que na hora, os seus três amigos mais chegados já tinham um ou dois filhos e ele achava o máximo as fotos e vídeos das crianças que chegavam no seu celular.

O que ela queria com ele, afinal? Às vezes se perguntava e não encontrava a resposta certa. Certamente, ela curtia infernizar a vida dele, isso devia lhe dar algum prazer secreto, do contrário, por quê? Você está me ouvindo? A pergunta veio de supetão. Claro, amor, ele respondeu automaticamente. Ela ironizou: sono! No mundo da lua, como sempre! Amor? É muita cara-de-pau! De repente, ele disse: Marta, sabe de uma coisa? Eu vou me mandar daqui agora. É mesmo, Oswaldo? O que você quer dizer com isso, posso saber? Ele replicou: eu estou simplesmente dizendo que vou embora agora mesmo, vou morar com ela. Ela, quem? Ela, a dona do beijo. Ao notar a cara de espanto de Marta, virou-lhe as costas e deu um sorriso ligeiro. Teve a sensação de tirar um peso das costas. Caminhou calmamente até a porta, girou a chave e saiu de fininho, finalmente livre e feliz da vida.

Em meu devaneio, quase perdi a hora de sair do vagão, ao chegar na minha estação. Mas não resisti a me dirigir ao Oswaldo – seria esse mesmo seu nome? – e desejar-lhe boa sorte, antes da abertura das portas. O certo é que ele não teve tempo de se recuperar da surpresa com o meu comentário, muito menos de responder qualquer coisa. Mas eu segui alegre, torcendo muito por ele.

Pássaro



Pássaro – Luiz Felipe Salviano

Biografia do Autor: Luiz Felipe Salviano é estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cursa Letras e também é monitor de Morfologia da Língua Portuguesa.

Resumo do Texto: Poema de 10 estrofes e 49 versos sobre amor, liberdade, ciúme e possessividade.

Pássaro

Vai, meu amor
Abre tuas asas
Constrói teu caminho
Pretendo te observar,
Deixando que tuas decisões
Faças tu sozinha
Certa vez, ouvi uma frase simples e direta
“Quem ama, liberta”
Frase muito impactante e correta
Decidi tatuar essa frase em minha alma
Meu amor não conhece amarras
Não nasceu para ser acorrentado
Desculpe se isso lhe dói ou assusta
Mas seria desonesto manter-me calado
Eu sei, às vezes pareço um tanto frio
Insensível, indiferente
Talvez devesse ser um pouco mais carente
Mas não creio em amores presos por correntes
Amor, para mim, não pode ser prisão
Pois este, quando aprisionado
Se desfaz e desintegra
Se afasta da razão
Somem todos os ingredientes
Dos quais ele se nutre
E se torna casca sem recheio
Cérebro sem coração
A liberdade é o ar do amor
Sem ela, há uma asfixia
E o que outrora era libertador
Se torna sufocante
É fácil se fantasiar de amor
Esse disfarce, assumido por vários sentimentos
Quando há falta de liberdade:
Carência, ciúme, possessividade, paranoia
O que é a possessividade, senão
A coisificação do ser humano?
Acreditar que se pode ter o controle de alguém
Este é sim um dos maiores erros da humanidade
Não me permito ser coisificado
Tampouco de alguém ser apossado
Ou desse alguém me apossar
Só me sinto no direito
Do meu sentimento externar
Meu amor pode não ser romântico,
Amor cortês, à moda antiga
Mas é uma forma mais genuína de amar
Pois não exige mais
Do que o ser humano pode dar



O sol que nascia do teto preto

O sol que nascia do teto preto – Natália Noronha

Biografia do Autor: Natália Noronha nasceu no dia 17 de janeiro de 1996. Caracteriza-se, como bem disse seu antigo professor de Língua Portuguesa, pelo lirismo que carrega em seu cotidiano. Seu primeiro livro, escrito sob o nome de Natália Tavares, se chama “A morte do tempo. A segunda obra está intitulada como Os Últimos Dias de Isabela Garbocci.

Resumo do Texto: Uma crônica sobre um amor malfadado, que resulta em abusos e em uma final libertação.

Meu amor me tomou para si e rompeu quaisquer laços que eu possuísse com a liberdade. Eu me tornei absolutamente presa, de súbito, e eu não tinha mais para onde correr. Não que eu quisesse correr; eu gostava de minhas amarras e das marcas arroxeadas que elas provocavam em meus punhos e tornozelos. Eu me poria nua e amarrada sobre louças de prata, com uma maçã em minha boca, de modo a ser devorada por meu amado – e, conseqüentemente, habitar cada recanto de suas entranhas, de seu sangue e suas células e, assim, seu coração.

Eu havia me entregado por completo em uma tarde de quinta-feira. Era uma tarde qualquer, daquelas bem tediosas; não me recordo se era verão ou inverno – estava quente, mas sempre está quente no Rio de Janeiro. Foi o dia em que perdi minha alma e meu livre-arbítrio: ele era um demônio disfarçado de anjo, mas eu não sabia disso, eu não tinha medo disso, eu apenas me senti feliz, feliz como um gato que consegue o peixe. Eu era o peixe, embora não fizesse ideia.

Meu coração batia e batia como as asas ávidas de um beija-flor, que precisa manter seu ritmo, ou de outra forma seus batimentos cardíacos cessam. Eu me sentia à mercê de meu amado, eu me sentia completamente vulnerável, e ele aproveitou minha ingenuidade para me pôr as famigeradas amarras que marcam os pulsos e tornozelos. O beija-flor que caía na planta-carnívora sem hesitar. A raposa-do-deserto havia sido picada pelo escorpião.

Passei alguns anos de minha vida sob aqueles cuidados não muito extremos de meu amado – ele me mantinha em quarto sem janelas, de teto, paredes e chão pretos, e eu não via a luz do dia – não a natural – via-o quando resolvia me visitar – e ele era sol em sala preta, de teto, paredes e chão negros. Eu era seu animal de estimação, a sua prostituta que não recebia pelo serviço, mas que se deleitava em realizá-lo. Qualquer carícia de meu amante me era pura emoção trêmula; meus joelhos incertos, e as mãos hesitantes, e os lábios entregues e as pernas abertas – tudo para agradá-lo, tudo para agradá-lo! E jamais um agrado para mim! Era jaula, era quarto sem janelas. Quarto preto sem sol.

Talvez o sol da esperança de que, um dia, talvez eu viesse a ser amada por quem amava.

Eu vivia em estado de pânico, temendo o dia em que ele fosse me deixar. Ele me deixou sem ir embora. Encontrou uma garota, amou-a, namorou-a, e eu fiquei ali no quarto sem janelas. Às vezes ele vinha me visitar, mas agora com menos frequência. E eu, cada vez mais desesperada, mais angustiada, via-me enroscada na não-liberdade do amar. No pesadelo, eu vivia no pesadelo, aqueles em que você quer acordar, mas não há como, pois já está com olhos abertos, e sente o beliscão que inflige a si. Eu estava desperta! Desperta no pior sonho que minha mente era capaz de projetar! Eu o tinha, mas não o tinha; amava-o, mas ele não me amava! Horror! Horror!

Era o cárcere dos apaixonados. O sofrimento de doar. A doçura de receber restos.

Trajando uma coroa de flores mortas, um vestido de noiva puído e cheio de traças e empunhando um crucifixo ensanguentado, eu caminhava altiva em direção ao meu altar suicida. Era o sacrifício das impuras. Trucidei meu destino, estuprorei minha inocência, entreguei-me a alguém que me usava, que me abusava! Abusava, sim, de meus sentimentos, de minha carência, de minha fácil entrega. Alguém maquiavélico que se utilizava de minhas fraquezas mais delicadas para o bel-prazer. Estava perdida, perdida, era o suicídio das impuras!

Um dia eu cresci, e fiquei grande demais para o quarto preto sem janelas. Eu cresci e destruí a casa que me aprisionava. Quebrei parede por parede, improvisando janelas. Pisei nos quadros, joguei no chão vasos de cristal negro. Eu abri os olhos e vi o sol pela primeira vez em muitos anos; era hora de despertar de meu pesadelo vívido. Amei quem não merecia meu amor. Mas, agora, eu era uma gigante. Eu era enorme. E podia me libertar das amarras. Com força estrondosa, abri os braços e as pernas e as cordas se romperam – eu estava livre, livre! Machucada, abusada, sangrando, chorando, gritando, berrando, puxando os cabelos pela raiz, completamente traumatizada; mas estava livre, livre! Podia viver novamente. Eu pude ver a luz do sol.

Era meu renascimento.

Um doze avo

Um doze avo – Marco Antonio Notaroberto da Silva

Biografia do autor: Marco Antonio Notaroberto da Silva é aluno da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo do texto: Ilustrações para fotografias a partir do conto A imitação da rosa, de Clarice Lispector.

Ilustrações para fotografias a partir do conto A imitação da rosa, de Clarice Lispector.



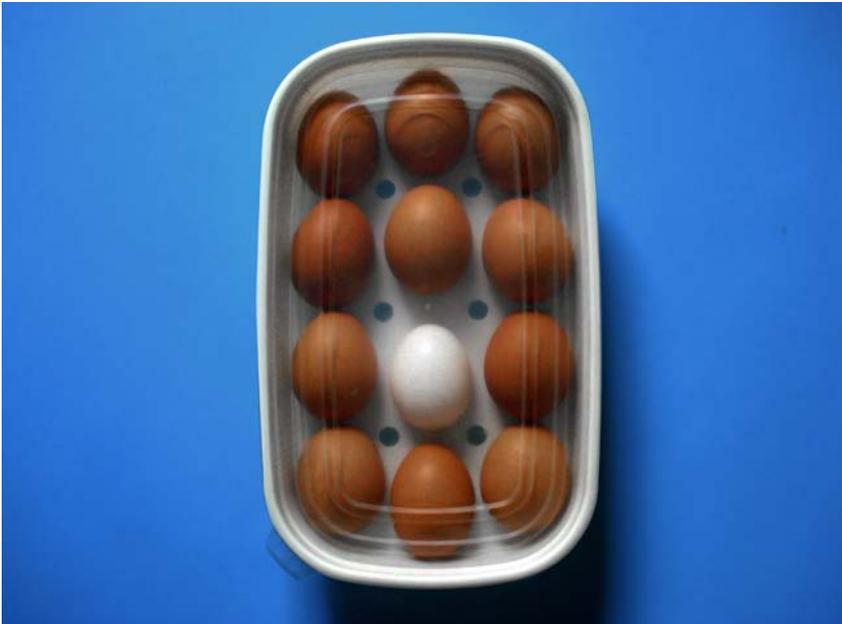
As horas

Quarto cozinha sala

Um triângulo perfeito de

Fêmea mulher Laura

Quarto cozinha sala.



O leito

No meu paraíso branco
De caminhas enfileiradas
Há fadinhas sorridentes
Que me curam que me mordem
Aconselhando sempre sempre
A ser mulher obediente.



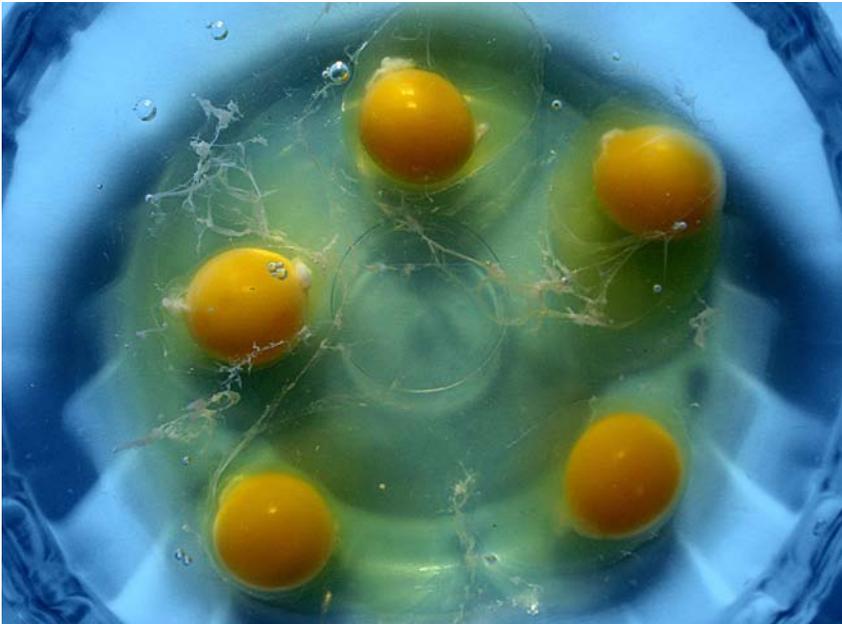
A vulva

Ovário trompa
Útero vagina
Ainda sangra
Pernas de bailarina
Castanha quebrada seca.



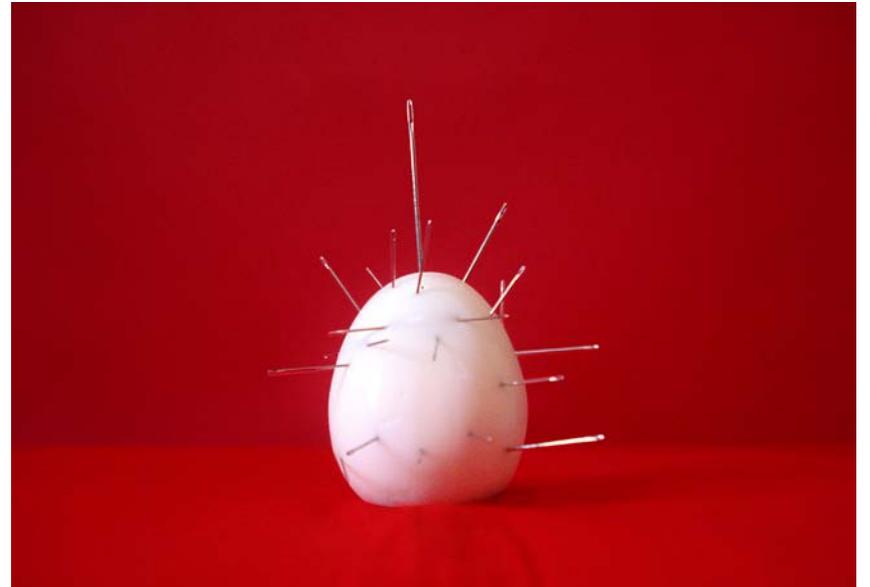
O fado

De manhã, constrangida
À noite, previsível
Agora mulher de renda
Católica apostólica e
Feliz, como se deve ser.



A prece

Copinho de leite, logo que acordo penso sempre em você. Quero que o Senhor abençoe o meu dia que começa e que você esteja junto comigo em todos os dias de minha vida. Obrigado copinho de leite. Amém.



A amiga

Ciranda roda desde criança
Amiga da mais terna infância.
Ruidosa mulher que incomoda
Languida maldita odiosa.
Observo a flor imperiosa
Tão linda que digo jubilosa
A você não darei esta rosa.



Eu supermulher

Piúi

Tic

Tac.

Jovens no ônibus

Jovens no ônibus - Priscila Saemi Matsunaga, Carolina Fabiano Carvalho, Ligia Maria Monteiro, Mariana Jabor, Matheus Dias

Biografias dos autores:

Priscila Saemi Matsunaga: Professora da Faculdade de Letras/UFRJ, do departamento de Ciência da Literatura. Desenvolve estudos sobre teatro de Bertolt Brecht.

Carolina Fabiano Carvalho, Ligia Maria Monteiro, Mariana Jabor: Estudante da Faculdade de Letras/UFRJ

Matheus Dias: Bacharel em Direito/UERJ

Resumo do Texto: Improvisação cênico-dramatúrgica a partir da leitura de *Terror e miséria do Terceiro Reich*, de Bertolt Brecht e de *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt. A improvisação ocorreu durante a oficina Brecht 3 tempos, realizada no mês de agosto na Faculdade de Letras da UFRJ.

JOVENS NO ÔNIBUS¹

TRANSCRIÇÃO DE IMPROVISAÇÃO

Jovem 1 está sentado no ônibus lotado. Jovem 2 e Jovem 3 entram no ônibus.

JOVEM 2 para motorista entregando o dinheiro - Duas.

Jovem 2 entrega o dinheiro e passa adiante. Jovem 3 pega o troco

JOVEM 3 para Jovem 2 entregando o troco - Seu troco.

Jovem 2 pega o dinheiro para guardar. Enquanto ele guarda, Jovem 3 percebe a presença de Jovem 1.

JOVEM 3 - Ow! Olha quem tá aqui!

JOVEM 1 - E aí?!

Jovens 2 e 3 se apertam entre as pessoas para ir até Jovem 1. Cumprimentam-se

2 - Pô! Tá sumido hein!

3 - Tem gente que namora e some...

2 - Como tá a Maria?

1- Pô... A gente terminou...

2 - Eita... Mas como você tá?

1- Levando, né?

3- A gente tá indo pra Mangueira! Bora com a gente!

1 - Sei lá... Mangueira...

2 - Tu sempre curtiu a Mangueira.

1 - Mas sei lá... Tô cheio de mochila.

2 - Deixa isso em casa e encontra a gente lá. Nem fica longe pra tu.

1- Ah, tô cansado também. Vai rolar não.

3 - Vamos, cara. Melhor coisa pra esquecer um amor é arrumar outro.

Ônibus para.

1: Da próxima, juro que vou com vocês.

Policiais fora de cena - Quem vai pro baile desce!

Sai a maioria das pessoas de cena, incluindo Jovem 1 e 3. Jovem 2 senta no lugar de Jovem 1. Entram policiais.

POLICIAL para Jovem 2 - Eu falei: "Quem vai pro baile desce".

Jovem 2 sai de cena. Policial senta em seu lugar

POLICIAL - Aqui embaixo ninguém tem morada permanente.

¹ A oficina Brecht 3 tempos, coordenada pela profa. Priscila Matsunaga (Ciência da Literatura/FL/UFRJ), buscou refletir sobre a dramaturgia brechtiana e sua produtividade, problematizando aspectos históricos, teóricos e estéticos de sua obra. Um dos textos utilizados durante a oficina foi *Terror e miséria do Terceiro Reich*, escrito entre 1935 e 1938. A peça, composta de 27 cenas ou pequenas peças, é, segundo o autor, uma tabela de gestos: "o gesto de manter a boca fechada, o gesto de olhar em volta, o gesto do medo súbito. O padrão de gestos numa ditadura" (Brecht, 2002, p. 13). Durante o processo, como material de improvisação aliado ao texto da peça, foi utilizado trecho do livro *Sonhos no Terceiro Reich* (2017), de Charlotte Beradt, em especial o sonho de um "advogado – judeu - e notário berlinense que beirava os cinqüenta anos, detentor do 'distintivo de combatentes do front' [na Primeira Guerra Mundial], graças ao qual manteve provisoriamente, apesar das Leis Raciais, sua licença profissional: "Vou ao concerto, tenho um ingresso – ou pelo menos acredito ter um. Verifica-se, porém, que se tratava apenas de um informe publicitário e outra pessoa está sentada em meu lugar. O mesmo acontece com muitas outras pessoas. Enquanto deixamos a sala pelo corredor central, vagarosamente e com a cabeça baixa, a orquestra entoou: 'pois não temos aqui embaixo morada permanente'" (p.146). De acordo com a autora, esse sonho tem como conteúdo o deslocamento e a despersonalização, a perda da identidade e de continuidade. A improvisação – criada coletivamente durante a oficina - é aqui referida como *Transcrição da Improvisação. Variação cênica 1, Variação cênica 2 e Variação dramatúrgica*, foram construídas para a presente publicação. Pelo final "realista", os passageiros seguem o mando dos policiais. Foram propostos finais em torno da frase "não temos aqui embaixo morada permanente". Como é possível observar, a improvisação buscou articular uma outra "tabela de gestos": o gesto de obedecer diante do perigo quando se está sozinho, o gesto de resistir quando se está junto. Um padrão de gestos numa ditadura.

VARIAÇÃO CÊNICA 1

A ação retorna ao momento que o ônibus para de forma que todos estão em cena novamente. Ônibus para.

1 - Da próxima, juro que vou com vocês.

POLICIAL *fora de cena*: Quem vai pro baile desce!

Ninguém sai. Todos se entreolham.

POLICIAL *fora de cena* - Eu falei: “Quem vai pro baile desce”!

TODOS - Aqui embaixo ninguém tem morada permanente!

VARIAÇÃO CÊNICA 2

A ação retorna novamente ao momento que o ônibus para. Ônibus para.

1 - Dá próxima, juro que vou com vocês.

2 - Vai mesmo?

3 - Quero ver...

Ônibus volta a andar.

VARIAÇÃO DRAMATÚRGICA

Os amigos entram no ônibus conversando sobre o baile pra onde estão indo. O ônibus segue viagem. Policial entra no ônibus

POLICIAL - Todo mundo que vai pro baile desce!

Os amigos e o restante dos passageiros ficam estarecidos sem entender o que está acontecendo.

POLICIAL - Vocês não ouviram? Todo mundo que vai pro baile desce!

PROFESSOR levanta e encara o policial - Por qual motivo quem vai pro baile tem que descer?

POLICIAL - Porque eu estou mandando!

PROFESSOR - E qual o direito que faz você acreditar que pode subir num ônibus, local público, e mandar todos descerem?

POLICIAL - Eu sou uma autoridade pública e posso inclusive deter o senhor por desacato caso continue me desautorizando!

PROFESSOR - O senhor pode até me prender, mas vamos lá, imagino que sendo um policial dedicado o senhor conheça bem a lei que regem nosso país! Então me diga: em qual artigo na constituição está escrito que os policiais tem autoridade para expulsar pessoas de um coletivo?

O policial tenta argumentar e falha.

PROFESSOR – Imagino que o senhor saiba que na nossa constituição, mais precisamente no artigo 5º está escrito que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)”. Portanto independentemente de farda, distintivo, ou qualquer outro meio do qual o senhor queira tirar vantagem, pense que a liberdade é antes de tudo um direito assegurado em constituição e que o senhor não tem nenhum poder sobre isso! *Aos passageiros*: Quem vai descer do ônibus?

PASSAGEIROS – Ninguém!

POLICIAL – Dessa vez vocês deram sorte!

À medida que os olhos transpassam



À medida que os olhos transpassam – Andrei Ferreira

Biografia do autor: Aluno da Licenciatura em Letras: Português-
-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Andrei
Ferreira é autor de *Entre uns e outros trapos* (2016) e *A queda da
asa e outras penas* (2017), livros de ficção publicados pela Editó-
ra Multifoco. Em 2014, teve seu conto “Um dilema que se desfez”
como finalista do II Concurso Literário Cesgranrio, em homenagem
ao centenário de Vinícius de Moraes.

Resumo do texto: Conto sobre relação entre mãe e filho.

Capítulo 1



Ela era jovem; seus longos cabelos castanhos, fortemente ondulados, escorriam até o cinto branco que circundava seu vestido preto. Ela era jovem e queria ser mãe; não porque lhe disseram que ser mãe era a sua função primordial em vida, conforme esperavam das mulheres; não, não por isso. Ela queria ser mãe, e isso era parte de sua independência. Ela tinha pai e mãe faltosos – não por displicência ou por não saberem dar carinho – faltavam simplesmente porque tanto o pai quanto a mãe precisavam se ocupar para sustentar a casa, enquanto ela, ainda jovem, buscava no mundo oportunidades de ser.

Ela queria ser alguém; ela queria ser sua; ela queria ter força; e queria ser mãe.

Queria tanto ser mãe, que para o posto de pai importava apenas que ela aprovasse o sexo. Não queria depender de ninguém, pois ela sentia que isso talvez a privasse de ser mãe por completo, com tudo quanto ela tinha guardado dentro de si para doar à criança que lhe viesse como filha.

Não era incomum – tampouco surpreendente – alcançarem-lhe, sono após sono, ou devaneio após devaneio, sonhos nos quais ela, tão jovem, seus cabelos castanhos à cintura, segurava um bebê de cabelos igualmente castanhos e olhos apaixonados, ligados aos dela por uma ponte que só ela e o bebê sabiam criar, ainda que todos à sua volta, mesmo que não vissem tal ponte, soubessem que existia. Eram esses sonhos que a mantinham no mundo, querendo vivê-lo. Neles, ela era mãe – e, por se ver mãe em sua plenitude, sabia que tinha conseguido tudo o que lhe poderia importar: sua força, sua independência, seu conhecimento sobre si mesma – projetado no bebê e dele emanado.

Ela não era mãe ainda – ao menos, ainda não o era em mundo palpável – simplesmente porque ainda não esbarrara com sexo que a interessasse. Passaram homens e outros homens e homens diversos, mas nenhum de seus sexos lhe fora suficientemente caro. Ainda que não se incomodasse em continuar experimentando sexos – pois deles ela gostava – a jovem de longos cabelos castanhos e ondulados cogitou acolher uma criança que não tivesse saído de seu ventre; mas seus pais não lhe permitiriam fazê-lo. Eles, na verdade, não sabiam do seu desejo de ser mãe – e, se soubessem, não o aprovariam – ao menos, não da forma como ela desejava, pois não fazia questão de se casar. Como o mundo não a queria empregar, ela dependeria de seus pais – não para ser mãe, mas para que a criança pudesse ser criança.

Ela precisava de mais sexos, pois.

Eventualmente, numa noite sabe-se-lá-qual, numa cama sabe-se-lá-onde, fez-se um sexo que a tocou no ponto onde deveria, e aquele homem seria o pai. Pelo que dizia, ele também queria ser.

À medida que se davam aos seus tantos sexos, ela e ele se conheciam pouco a pouco. Ela lhe contava sobre sua vontade de ser mãe, sobre sua necessidade de ser, sobre a força que de seu peito sentia querer explodir, mas algo ainda a prendia; ele lhe contava sobre sua vontade de ser pai, sobre sua necessidade de ser em viagens, sobre a talvez – mas apenas talvez, ele dizia – poética inconstância que lhe contornava o peito. Inconstante que pudesse ser, garantiu-lhe amor, e ela o tomou como fato por alguns anos, após se casarem.

Casou-se grávida, sem que seus pais soubessem da gravidez. Ela sabia, é verdade; se buscassem evidências, não haveria; mas ela sabia, pois seu peito pulsava forte e ela se percebia mais. Casou-se grávida e pelos meses seguintes – longos, ansiosos e de preparação para um vida enfim plena – cresceu mãe.

Quando mãe pôde ser, de seu peito pulou força! – força e felicidade e um gosto de plenitude.

Nos seus braços, um bebê: um menino de cabelos (quantos!) castanhos; um menino, seu filho, cujos olhos apaixonadamente se ligavam aos dela, por meio de uma ponte que eles criaram, admirada por todos à sua volta.

Ela era jovem, de longos cabelos castanhos, e era mãe enfim. Era mãe – e poderia ser tudo, se já não o fosse! E ele, parte de tudo quanto era dela, era seu filho!

Nos anos que se passaram – nesses em que ela ainda tomava como fato o amor que o pai de seu filho dizia ter – ela e o filho puderam se conhecer tanto quanto sonharam, ela em vida, ele no mundo que ela criara para os dois em seus sonhos. Conheceram-se ainda mais, porque o pai da criança era o único que trabalhava; ela quis trabalhar também, mas, pelo que ele disse, ela deveria ficar com o filho. Incomodada – pois ocasionalmente se lembrava da inconstância do esposo – ela aceitava e aproveitava sua plenitude com seu bebê – agora criança – de olhos apaixonados e cabelos castanhos.

Um dia, porém, tomada por uma advertência em seu peito, vestiu-se para procurar emprego, mas seu esposo a barrou – a negou – a empurrou – a despiu – e a diminuiu. Ela se encolheu e foi buscar paz na ponte que ligava os seus olhos aos do seu filho.

No dia seguinte, o homem disse ter tirado férias, arrumou tantas malas, arrastou a jovem mãe com seu filho no colo, e foram todos para a estação de trem.

O esposo pediu que ela e a criança esperassem na plataforma, a fim de que ele tivesse espaço para arrumar as malas. Ela e seu filho esperaram, enquanto ela olhava para uma mulher de cabelos negros ao seu lado que chorava sozinha, joelhos ao chão. Minutos depois, voltou o esposo da jovem de cabelos castanhos e lhe tomou a criança dos braços. Disse, então, à jovem mãe: “Você fica aqui”, e se virou em direção ao trem, cujo apito já gritava sua partida. A mãe entendeu o que se passaria e puxou seu ex-esposo pela camisa; ele lhe berrou que eram só duas passagens porque ela o irritara, e ela, em valentia, lhe berrou que usasse apenas uma, porque a criança ficaria. Berrou-lhe isso por quase um minuto, durante o qual o homem quis fugir, mas se deteve, constrangido. Cansado, portanto, deu no rosto da jovem mãe e devolveu-lhe a criança, dizendo: “Pois tome e me deixe.”

Ela, com seu filho no colo, se ajoelhou entre lágrimas.

Seus pais não a aceitaram de volta. Ela, filha de bom coração, acreditou não ser por maldade, mas simplesmente porque eles não poderiam custear dois outros moradores – seus pais já estavam bastante idosos, cansados e desempregados. Foi então à busca de alguém que lhe pagasse, mas ninguém a quis tomar por trabalhadora, pois era mãe sem esposo. E, por alguns meses, tiveram de viver sob racionalização de comida, que eventualmente acabaria.

Antes de a comida se esgotar, no entanto, a jovem de longos cabelos negros e ondulados, reconhecendo-se mãe, olhou para o seu filho e se pôs a chorar, pois percebera que a ponte entre os seus olhos precisaria se partir. Ela, que já tinha vendido todas as suas próprias roupas, exceto a do corpo, para conseguir um pouco mais de comida, pôs

o menino nas melhores vestes que tinha – um macacão marrom, sobre uma branca camisa de botão, e um sapato preto – e parou com ele em frente a um espelho, suas mãos em elo. Ela se olhou, entre lágrimas de ponte partida, e ainda se viu mãe, mas uma mãe que não era mais plena; olhou, então, para seu filho através do espelho e sorriu, pois ele, pouco ciente do que aconteceria, sorria para ela.

Os dois – ela, em agonia determinada; ele, com suas pequenas pernas tentando seguir os passos da mãe – saíram pelas ruas em certa tarde de folhas mortas, a mão dela na dele.

Ela, que pôde ler em uma parede “Orfanato” (do que ele não se deu conta, pois ainda não sabia ler), bateu à porta e esperou que a atendessem. Quem o fez foi uma senhora bastante idosa, mas repleta de vida; seus cabelos, cinza claro e curtos, levavam a dois olhos negros – tão negros quanto talvez tivessem sido seus cabelos em sua juventude. A senhora sorriu, seus olhos brilhando; a jovem mãe sorriu de volta, mas pôs-se novamente de joelhos, pois estes já estavam muito fracos. E sorrindo, chorou – abraçou seu filho, que não entendia; beijou-o; disse-lhe que o amava, ao que ele respondeu: “Também, mamãe”; deu-lhe adeus, e a senhora de belo sorriso e cabelos cinza abaixou para dizer ao menino: “Olá, meu querido, muito prazer em conhecê-lo. Venha aqui dentro, tenho um chocolate para você”. Ele olhou para sua mãe, esperando aprovação, que logo ela concedeu, olhando para seu filho com um sorriso e lágrimas nos olhos. Seus olhos vacilavam.

O menino acompanhou a senhora orfanato adentro. A porta se fechou para se abrir apenas horas depois, quando aquela mãe não mais estivesse lá – pois já era vez de outra mãe dar por quebrada a ponte que havia entre os olhos de sua criança e os seus próprios.

Aquela jovem mãe de cabelos longos e castanhos, logo após a porta ter se fechado, correu o máximo que pôde, contornando o quarteirão e esperando encontrar alguma janela através da qual pudesse olhar, uma última vez, para aquele menino que a fizera plena. Mas não achou.

Achou uma mata, porém, pela qual se atirou, com um suspiro no peito, correndo por ela indistintamente. Ela correu – correu – correu – recostou-se em uma árvore para chorar e recuperar o ar, mas seu choro não cessava – e soluçou, sentindo a necessidade de voltar a correr, para que tivesse um propósito, para não desistir de respirar. Pois correu – e correu – e viu ao longe um muro de grades de ferro, em cuja direção ela correu. Parou um pouco antes de chegar ao muro; afinal, era a princípio um muro qualquer. Dentro dele, contudo, havia crianças – várias, de várias cores, de vários cabelos, de várias brincadeiras, de várias felicidades. Mas havia uma criança – um menino que, aparentemente, não estava feliz; parecia confuso, dentro do seu



macacão marrom, sob o qual se via uma branca camisa de botão. Estava confuso aquele que era seu filho e que agora era cuidado pela senhora de cabelos cinza, com quem conversava, provavelmente perguntando: “Onde está a minha mãe?”

Ele não sabia – nem a sua mãe queria acreditar, pois isso lhe parecia um devaneio em agonia –, mas ela estava do outro lado do muro que o cercava, chorando por ele, por talvez nunca mais vê-lo, por talvez não mais abraçá-lo. Tão chorando que estava, lutou contra a vontade de fechar seus olhos, para ver seu filho enquanto conversava com aquela que agora o acolheria. E a mãe viu mais; viu mais do que imaginaria ver; viu um pouco do que apenas sentia mas não podia ver. Ela viu se formar uma ponte entre os olhos do menino e da senhora. Decerto, sutil – pois no rosto de seu filho não havia um brilho tão grande quanto a felicidade que emanava dele ao olhar para sua mãe. De toda forma, havia um brilho; e era suficiente, pois no rosto da senhora também havia.

Assim, a mãe se permitiu fechar os olhos e se envolver em sombras, que se materializaram e se fizeram cama para ela, pondo-a para dormir.

Dormiu. Em certa paz.

Interlúdio

Após o seu tempo, houve, assim, um intertempo; houve voltas e voltas e dias que se transmutavam em noites e noites que renasciam dias; houve pessoas e lugares construídos e destroços e ruínas; houve tudo quanto nunca pode haver; houve planos destruídos – e outros que se reformulavam; houve as luzes, sem as quais não há sombras, que portanto também passaram; houve elas e eles e filhos e senhoras e orfanatos e todos; e houve o tempo.

Capítulo II



Ela era jovem; seus longos cabelos castanhos, fortemente ondulados, escorriam até o cinto branco que cercava sua calça jeans escura. Ela era jovem e queria terminar a graduação; via-se alguém, num mundo onde ser alguém é mais facilmente alcançado – ou obrigatoriamente talvez – quando se é graduado. E queria ser mãe. Queria, pois assim lhe dizia seu coração; pouco lhe importava se era ou não o que esperavam dela – havia os que não esperavam que ela se graduasse; havia os que não previam sua independência; havia os que só a reconheceriam mulher se fosse mãe e dona de casa – mas ela queria ser mãe simplesmente porque queria, e que o mundo explodisse, se ela não pudesse ser!

Certamente, como também achavam os seus pais, tudo fluiria melhor se ela pudesse ser mãe depois da faculdade, pois escutaria menos reclamações. Não foi o que houve, no entanto; mas ela já trabalhava – e trabalhava, assim, na luta pela aquisição de uma de suas forças: a financeira, pois a moral já lhe batia forte no peito e forte era exalada dos seus olhos.

A jovem de cabelos longos e castanhos pôde encontrar, aqui e ali, homens que a agradassem – dos diálogos aos sexos. Contudo, é relativamente fácil inovar no sexo; não nos diálogos, se não houver uma essência crítica.

Isso a cansava; e ela expulsava quem o fizesse.

Entre esses homens, porém, ela sonhava; sonhava com a sua plenitude de ser no mundo; sonhava com a expansão de tudo quanto era; sonhava com reconhecer-se fora de si mesma; e via um menino – ele, de olhos apaixonados e cabelos castanhos, como os dela. Entre eles, havia um mundo que era deles – e apenas; e não era visível, mas de uma extremidade chegava-se à outra, em um fluxo de história, conhecimento, confiança e aquilo a que se tem chamado de amor, mas que nele não se esgota.

Dos sonhos se acorda, entretanto – ao menos, é o que manda a sociedade àqueles que querem ser. E ela acordava, pois queria, ou sentia que precisava.

Mas certa vez chegou um homem cuja conversa – como tantas outras – lhe interessou, da mesma forma que lhe fez seu sexo, em parceria. Esse homem, porém, se contrastou dos demais porque ela e ele fizeram juntos, numa noite-que-fosse, num lugar-qual-era, num colchão-qual-sobrou – ela e ele fizeram um filho; e se casaram – ela e seu filho caminharam juntos, ele protegido (e em segredo) pelo manto branco que a protegia.

Antes de o bebê nascer, ela e o esposo, confiando um no outro, e um ao outro se amando, foram morar juntos. Montaram um lar, pouco a pouco, conforme ela, havia algum tempo já graduada, buscava se estabelecer, e seu esposo se assentava em algum novo emprego.

Ela continuava sonhando em ser plena – seus sonhos se intensificavam, quanto mais sua plenitude pulsava de sua barriga. Havia ansiedade no incômodo pulsante, sem dúvida, pois a força de mãe se alimentava de todo o processo.

E mãe ela pôde ser, quando certo dia um bebê, menino, de cabelos (quantos!) castanhos, decidiu, conturbadamente, pulsar tanto que fez o mundo ver o seu rosto. Ao seu redor – que logo passou a ser o redor de sua mãe –, muitos choraram, por verem entre aquela mãe e aquele filho (ou entre seus olhos, mais precisamente) um olhar apaixonado e mantido entre uma ponte de afeto que só é real quando se transcende. Pouco a pouco, ela e ele – mãe e filho – confidentes e amados – transcendiam juntos e significavam seus próprios mundos.

Nos anos que se passaram, a mãe e o filho se amaram, brincaram, escreveram e, conforme possível, criaram processos que requeriam novos verbos para designá-los; mas a mãe e o pai não o fizeram. Nos anos que se passaram, houve dor – para ela e para o filho, ainda que, reconhecidas as perspectivas, também tivesse havido para o pai; nesses anos houve gritos – houve copos quebrados – e barulhos na parede – e portas de correr que saíam dos trilhos – e caixas de som jogadas no chão – facas atiradas sem querer mas que machucam o coração da criança – e uma senhora, talvez vó, talvez amiga, talvez além, que costumava chegava em socorro. Ela, tão amada pela criança, de cujo pai era mãe, tinha seus cabelos cinza claro e curtos, sobre dois olhos negros. Tantas vezes ela socorreu seu neto; mas casamentos dissolvidos em brutalidades não se socorrem tão facilmente – como não se diluem memórias que perduram por fios de dor.

Anos, quiçá mais do que se entenderia necessário, se passaram desde a noite em que a plenitude da jovem mãe de cabelos castanhos se começou a formar em seu ventre até o dia do fim efetivo do casamento, havia tanto já desfeito.

O pai se mudou; a mãe e o filho permaneceram, como também o fez a ponte entre os seus olhos.

Desse momento em diante, a história tem se feito, conforme se refazem os seus personagens: dentre eles, há o que não se apaga; há o que se reconstrói; há o que nasce; há o que se perdoa; há o que se tenta; há tudo quanto necessário. Talvez em melhores palavras, na história tem havido paz.

Paz maior, no entanto, há entre os olhares que trocam a mãe e o filho, que ainda se olham apaixonadamente. Não é raro, olham-se no espelho e se reconhecem confidentes. Inusitada, porém, foi uma vez quando diante do espelho estavam a mãe, o filho e a avó, que nunca os deixou. O filho ao centro, segurando as mãos das mulheres que o protegiam.

E sobre o resto não há quem tenha autoridade.

Do outro lado do espelho, havia três figuras de frente para a mãe: havia uma jovem de cabelos negros e ondulados que escorriam até o cinto branco que circundava o seu vestido preto; havia um garoto de cabelos negros, macacão marrom e uma branca camisa de botões; havia uma senhora de cabelos cinza, olhos negros, bastante idosa mas repleta de vida; havia esses três, que se entrelaçavam pelas mãos.

Todos os olhos cruzando o espelho, a jovem sorriu para a mãe; o menino sorriu para o filho; a senhora, para a avó. Suas mãos se seguraram mais fortes – tão mais fortes quanto mais amor pulsou. E, desfazendo-se o espelho, todos eles transcenderam, acompanhados por quem os abandonara num ou noutro momento – pois na transcendência precisa haver paz.

Todos transcenderam, e restou apenas esta história, legado de uma família.

Livre de verdade

Livre de Verdade – Luiz Leonardo de Freitas Austin Haus

Biografia do Autor: Luiz Leonardo de Freitas Austin Haus é aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo do Texto: O poema fala sobre liberdade, mas uma visão de liberdade relacionada aos preconceitos vistos hoje em dia na sociedade, de modo que mostre ao leitor como que a pessoa que sofre o preconceito se sente.

Livre de verdade

O que é liberdade?
Você deve achar que sabe.
Acredita que aprendeu com a idade,
Porém isso a ninguém cabe.

Liberdade não é poder,
Nem querer,
Muito menos fazer,
Acredito que seja viver.

“Então não estou vivo”?
Você diria, mas seja assertivo,
Veja que isso é relativo,
Não pense no denotativo.

Para mim, viver é poder ser.
Ser quem você quiser,
Amar quem te merecer
E demonstrar o quanto puder.

É o inocente segurar de mão,
Sem aos outros dar atenção.
É o ingênuo beijo de união
Sem se importar com opinião.

É poder andar livremente na rua,
Com orgulho de sua pele escura,
Que brilha refletida na lua,
Mostrando uma alma pura.

É praticar sua crença,
Livre de qualquer desavença.
Poder bater seu tambor na tenda,
E esperar que seu Orixá venha.

É fazer poesia sem rima,
Sem se prender à métrica,
Nem a qualquer outra regra,
Sendo você seu próprio estilo.

É sentir dor sem medo,
Expor a aflição desde cedo,
Contar todo seu enredo,
Sem precisar mais de segredo.

Mas lembre-se bem,
Que se você machucar alguém,
Espalhar o ódio, não importa a quem,
Sua liberdade irá embora também.



O Fogo e a Chama

O Fogo e a Chama – Felipe Moreira Caldas

Biografia do autor: Felipe Moreira reside em São Roque - SP, tem 26 anos de idade e é redator e proofreader freelancer. Atualmente, procura editora para seu primeiro livro, “O Impacto da Pluma”, cujo universo também engloba o conto aqui publicado.

Resumo do texto: A Floresta de Khandava, na Índia mitológica, é a morada de uma miríade de criaturas malignas, que lá encontram santuário através das benesses do rei dos Nagas, Takshaka. O rei é protegido por Indra, deus dos céus. Agni, o deus do fogo, precisa consumir Khandava por inteiro para se curar de uma doença mortal. Assim sendo, pede ajuda para a heroína Arjuna e o deus aventureiro Krishna.

O que acontecerá quando diferentes naturezas e visões de justiça se cruzarem sob as cores sem fim? É o que veremos.

Na colina, o garoto esquentava as mãos na fogueira improvisada. Galhos secos e folhas. Não cheirava lá muito bem, mas era o que tinham.

Do outro lado, dormindo sobre o braço direito, estava a irmã. Encolhida, tentando não deixar o calor sair ou o relento entrar. A cada dez segundos ou menos, seu corpo liberava um espasmo trêmulo.

Olhando para ela, quase deixou a manga do *chogha*¹ se chamuscar. Praguejou baixinho.

A vila já não mais existia. As pessoas já não existiam. Tudo o que havia sido inteiro, agora era quebrado, e por alguma razão, ele e sua irmã tinham sobrevivido. Ele queria ser forte dali em diante, se agarrar na busca daquela razão, e...

...não notar a sombra se agigantando logo atrás.

Respirou. As presas do Pisaca² cobriram testa e nuca, como coroa de espinhos.

Inspirou. O som de dente rasgando osso e quebrando carne, chegando ao cérebro.

Olhos vermelhos cintilaram. As grossas veias que cobriam o corpo monstruoso pulsaram de excitação.

A irmã não despertou. Facilitou o trabalho para o Rakshasa³ que, subindo a colina, apenas chegou e inclinou o corpo enorme, enterrando a espada no crânio da criança.

A razão da sobrevivência acabava ali.



A Floresta de Khandava⁴ aceitava cores. Troncos podiam ser azuis, folhas podiam ser vermelhas, e frutos eram livres para serem transparentes.

A Floresta de Khandava aceitava que a relva parecesse ouro puro, e que a terra se mostrasse tão alva quanto as nuvens no céu. Aceitava também as criaturas, sujas de sangue, dormindo encostadas nos caules frondosos.

O que a Floresta de Khandava não aceitava, porém, eram limites.

– Os céus estão limpos, os pássaros cantam, e a ordem reina. – Disse Indra⁵, categórico, flutuando sobre o tapete colorido de Khandava. O manto negro balançava com o vento, e sua pele azulada emanava viço. – Se tal panorama pacífico for derrubado, se a escuridão cobrir o dia e a luz dos relâmpagos roubar o que pertence ao sol, adianto que a culpa será de vocês dois, e apenas de vocês dois. Não me responsabilizo por nada, senão pela defesa de um inocente.

– O senhor passa tempo demais nos céus, caro Indra, enquanto a terra, aos seus olhos, é habitada por esses ditos inocentes... a quem o senhor chama de *amigos*. – Krishna⁶ retrucou, deitado sob a copa de uma árvore, entre

¹ Tipo de casaco tradicional da Índia, surgido entre os séculos XVI e XVIII. A palavra “chogha” traduz-se como ‘manto’.

² Criatura mitológica do hinduísmo. É conhecida pelo gosto que tem por carne humana, por ser uma suposta encarnação física do fogo fátuo, e por normalmente assombrar crematórios.

³ Outra criatura mitológica do hinduísmo. É um tipo de demônio que possui garras venenosas e se alimenta de carne humana e/ou comida apodrecida. Reza a lenda que um humano particularmente perverso se torna um Rakshasa na próxima encarnação.

⁴ Floresta mitológica do folclore hindu. É conhecida por ter sido citada primeiramente no poema épico Mahabharata. Foi, segundo as lendas, tanto morada de criaturas como os Nagas quanto do próprio deus Indra.

⁵ Deus hindu dos céus, dos raios, dos trovões, das tempestades, chuvas e correntezas.

⁶ Deus heroico hindu, conhecido por ser uma das facetas do grande deus Vishnu. É também o deus do amor, e o conhecido mestre e companheiro do herói Arjuna em diversas aventuras.

dois grossos galhos que lhe serviam de apoio.

De pé sobre um fino galho no topo de uma árvore inteiramente verde, Arjuna⁷ manteve-se calada.

– Acusações e acusações. O que você pensa, Krishna? O que um deus viajante, sem pouso certo, pode saber sobre mim? Não presuma que eu tenha qualquer relação com Pisacas ou Rakshasas. Não presuma que componho minhas companhias através de espíritos vilões.

– Não é deles que falo, meu caro senhor.

– Pois eu, sim, falo. Apesar de não caminhar lado a lado com tais criaturas, não posso negar que são convidadas aqui em Khandava. Estão no reino de Takshaka⁸, que, sim, é amigo meu. Se o rei dos Nagas⁹ os considera bons o bastante para sua casa, devo confiar em seu julgamento. Vocês, por suas vezes, devem confiar no meu.

– A palavra do rei vale mais do que qualquer evidência? As guerras, a pilhagem, a destruição, a miséria causada pelos convidados do rei tornam-se menos reais diante da assim dita verdade que sai da boca dele?

– Guerras acontecem todo dia, Krishna. A guerra é uma constante e a paz é rara como o amor verdadeiro. No entanto, você está aí, deitado acima de um perfeito exemplo de paz e tranquilidade. Acha que vale a pena destruir um exemplo de ordem apenas porque lhe parece justo à curto prazo?

– É dia. Durante o dia, quando tudo é claro às vistas, demônios dormem e grandes deuses mantêm-se vigilantes. Mas a noite chega, deuses se cansam de vigiar e o mal pode violar a terra o quanto quiser. A questão aqui é qual parte do dia escolher para reforçar seu argumento.

– Em nenhum momento disse que não reconheço que os convidados de Takshaka são capazes de cometer erros...

– *Erros?*

– ...não obstante, afirmei que guerras acontecem todos os dias. E a guerra, os desprazeres...

– *Desprazeres?*

– ...os desprazeres que dela provém... são parte da natureza dos demônios que aqui temos. Se sua natureza, por exemplo, é vir até aqui e me aborrecer com sua magnanimidade, a qual não consegue ignorar, isso me dá o direito de fazê-lo queimar até a morte? Qual a diferença essencial entre vocês e eles?

– A causa que defendemos, talvez? - Arjuna falou, pela primeira vez. Virou o rosto, em parte, para olhar nos olhos de Indra. - Se vossa senhoria quer argumentar que os convidados do rei não estão livres de suas naturezas, argumente à revelia. É verdade também que não estamos livres de nossa natureza quando queremos ajudar aos que necessitam, mas tal natureza é mesmo comparável à daqueles que só semeiam a ruína?

– Naturezas são naturezas e opiniões são opiniões. Por exemplo, estaria eu também livre de minha natureza amistosa, e por consequência de minha amizade com o rei dos Nagas? Entendo que ambos temos amigos envolvidos em...

⁷ Lendário herói da mitologia hindu, que também é um dos príncipes Pandava citados no épico Mahabharata. Aqui, em O Fogo e a Chama, é uma heroína, conhecida pelo seu forte senso de justiça.

⁸ Rei dos Nagas, as famosas criaturas-serpente do folclore hindu. É também conhecido nas mitologias japonesa e chinesa como um dos "Oito Grandes Reis Dragões".

⁹ Criaturas-serpente do folclore hindu. São uma tribo guerreira, com uma longa história no folclore da Índia.

– Agni¹⁰ está *morrendo*, Indra! Morrendo! - Arjuna rosou, impaciente. - Agni vive, por séculos, na cadência daquilo que o povo dá a ele. Agni vive do que é dado ao fogo. Agni é frugal, até mesmo ascético. Não ouvimos dele a não ser quando alguém abusa de suas dádivas o bastante para causar uma catástrofe. Um dia, um fanático decide que precisa render mais sacrifícios e oferendas aos céus do que a maioria dedica, e desfaz no fogo todo o seu reino por doze anos seguidos. *Doze*. Agni então fica doente. Há coisas que não devem ser oferecidas a ninguém, coisas que envenenam a alma. A única coisa capaz de curar o deus do fogo é o consumo da Floresta de Khandava e seus demônios residentes. A fauna se salvará, nós mesmos nos encaminharemos de guiá-los. A flora pode ser recuperada com o tempo. Mas, Agni? Agni é a chama, a primeira luz deste mundo e a força motriz de milhares de vidas. Você o deixaria morrer, Indra? Você mataria o fogo divino em nome da “natureza” de criaturas vis?

Indra ficou em silêncio por alguns segundos, antes de responder contrariado:

– Não existem provas de que Agni possui tanta importância neste mundo.

– Não existem *provas*? - Arjuna disse, com a voz alcançando um agudo ainda inédito para ela.

– Em primeiro lugar, sua insolência não me agrada. Seu tom. Em outros tempos, alguém que mal pode ser considerada uma semideusa não teria a coragem de levantar a voz para aquele que governa os céus, nem de chamá-lo pelo nome. Em segundo lugar, lhe falta tolerância diante dos que não se curvam às suas ideias. E, em terceiro lugar... belas são suas palavras, mas soam apenas como alguém tentando fazer anúncio das próprias supostas virtudes. Não há relação com a realidade nelas.

Arjuna se virou e olhou, estupefata, para Krishna. O deus estava tão sem palavras quanto ela e em solidariedade só conseguiu dar de ombros.

– Se já terminaram, estão livres para ir. – Indra foi continuando, sem dar atenção à indignação silenciosa dos dois. - Não terão minhas bênçãos. Espero que, a longo prazo, consigam compreender o quão equivoc-

– O céu no horizonte acendeu-se de vermelho, laranja, amarelo, branco, azul. O crepitar, vindo de baixo para cima, foi tão alto como o som de cem legiões marchando sobre a terra. Os frutos translúcidos de Khandava encheram-se de cor, repentinamente.

Num ponto afastado, tal qual montanha surgida onde antes tudo era floresta, estava o fogo de Agni, crescendo, alongando-se, ondulando e alimentando-se do ar.

– O que... significa isso?! – Indra olhava, paralisado, para o cenário. Só os músculos do rosto se mexiam, travando batalha em dezenas de semblantes revoltados. - Eu exijo explicações!

– Que tipo de explicações, meu senhor? – Krishna falou, lamentando tanto quanto alguém seria capaz de fingir. – Que explicações poderiam ser ditas que... não acabariam soando aos seus ouvidos como alguma forma de enaltecer nossa suposta virtude?

– Além disso, é necessário explicar nossa natureza? - Arjuna prosseguiu, emulando o tom desconectado de Krishna. – É preciso justificar a liberdade? Há licenças na vontade?

E da montanha de fogo foi se levantando Agni, cobrindo o sol que Indra antes ameaçara cobrir. Primeiro,

¹⁰ Deus hindu do fogo, e originalmente o irmão gêmeo de Indra. Diz-se que toda e qualquer chama do mundo é o próprio Agni, tornando-o importante em diversos aspectos da vida diária daqueles que o seguem.

O Fogo e a Chama

uma sombra disforme entre as chamas, e então, aos poucos, um gigante. Sua pele tinha o lustre de uma laranja madura, recém colhida. Os chifres, em ambas as cabeças, eram torres negras que se perscrutavam nuvens. Seus olhos, cabelos e unhas eram o magma abaixo da terra, solidificado.

Rapidamente, Agni consumia Khandava. Gritos ecoaram, de animais, Nagas e “demônios”. Agni se espalhava e em seu despertar o som de cascos e pés, asas e ventosas, iam compondo no ar um musical de fuga, da busca por novo abrigo.

– Vocês nunca, NUNCA pretenderam conseguir minhas bênçãos para esta... esta atrocidade! – Indra rugiu, fazendo surgir ao longe um relâmpago.

– Bem, “nunca” é um termo abrangente... – Krishna respondeu. – Evitar o conflito é sempre melhor, mas... não é como se a existência de um conflito fosse nos impedir de ajudar quem precisa.

– Vossa senhoria tem razão, Indra. Tem razão quando diz que os convidados do rei dos Nagas são livres para agirem como quiserem e também tem razão quando faz exercício de sua própria liberdade para defender os interesses de seu amigo Takshaka. Contudo... nós também somos livres para fazermos o possível e o impossível diante da injustiça.

– Paradoxal, talvez, meu senhor... mas é um paradoxo que estamos dispostos a defender, um peso que devemos carregar, pelo bem maior

– Sinta-se livre para discordar. - Arjuna sorriu para o deus flutuante, que só faltava espumar pela boca.

– Inaceitável! INTOLERÁVEL! ATAQUES A MINHA NATUREZA DIVINA!

Indra flutuou mais alto, enquanto as nuvens do céu vinham descendo na direção dele, espiralando, refazendo-se em novas formas mais... humanas. Fortes, esfumaçadas. Gênios ruins, de cavidades oculares preenchidas por raios.

Rodeado por eles, Indra fazia trovões ressoarem.

– Temos que mantê-lo ocupado. Ou irritá-lo o bastante para que vá embora. – Arjuna disse, enquanto os elos de corrente formavam-se em seu indicador direito. No fim, lá estava a bola de energia, brilhando.

– Temos. Não será fácil, nem um pouco fácil. – Krishna concordou, com o arco de safiras surgindo em sua mão, junto da alijava brotada das costas.

– A verdadeira justiça nunca é fácil.

– Incrível. Hoje é o primeiro dia que nos conhecemos, e que nos falamos. No entanto, nossos discursos se alinharam perfeitamente. Cá estamos, lutando pelo mesmo ideal.

– Ora, pois não deixemos que acabe aqui! - Arjuna disse, sorrindo para ele, com o vento tremulando seus longos cabelos. - Pode ser o início de algo verdadeiramente importante!

Krishna sorriu de volta. Embora ambos não soubessem ainda, sorrisos às vezes tinham diferentes significados. Naquele contexto, era nada menos que um juramento.

Sérios, decididos a doar a vida por aquela causa, saltaram para o combate. Atrás deles, o fogo tudo consumia.

O fogo de mil aventuras ainda não vividas.

Se és livre

Se és Livre – Pedro Wöhlcke Thiengo

Biografia do Autor: Sou químico industrial de formação. Escrevo poesias não por vocação, dom ou por missão. Escrevo pela necessidade, pela convergência, pela urgência.

Resumo do Texto: Poema que introduz a relação do ser com as liberdades pertinentes a sua existência. O eu-lírico se liberta do que o limita, define, restringe. Nesse processo, permite que sua essência transborde e experimenta a liberdade.

Se és livre

Se me defino, definho
Se me confino, desconfio
Se não agradei, contive
Se não me agradei, declive

Sou minha estrada, percorro
Não existe atalho, não corro
Se sou deserto, chuvisco
Página em branco, rabisco

Se é no corpo, detalhe
Se é na alma, entalhe
Se sou eterno, conflito
Por um momento, infinito

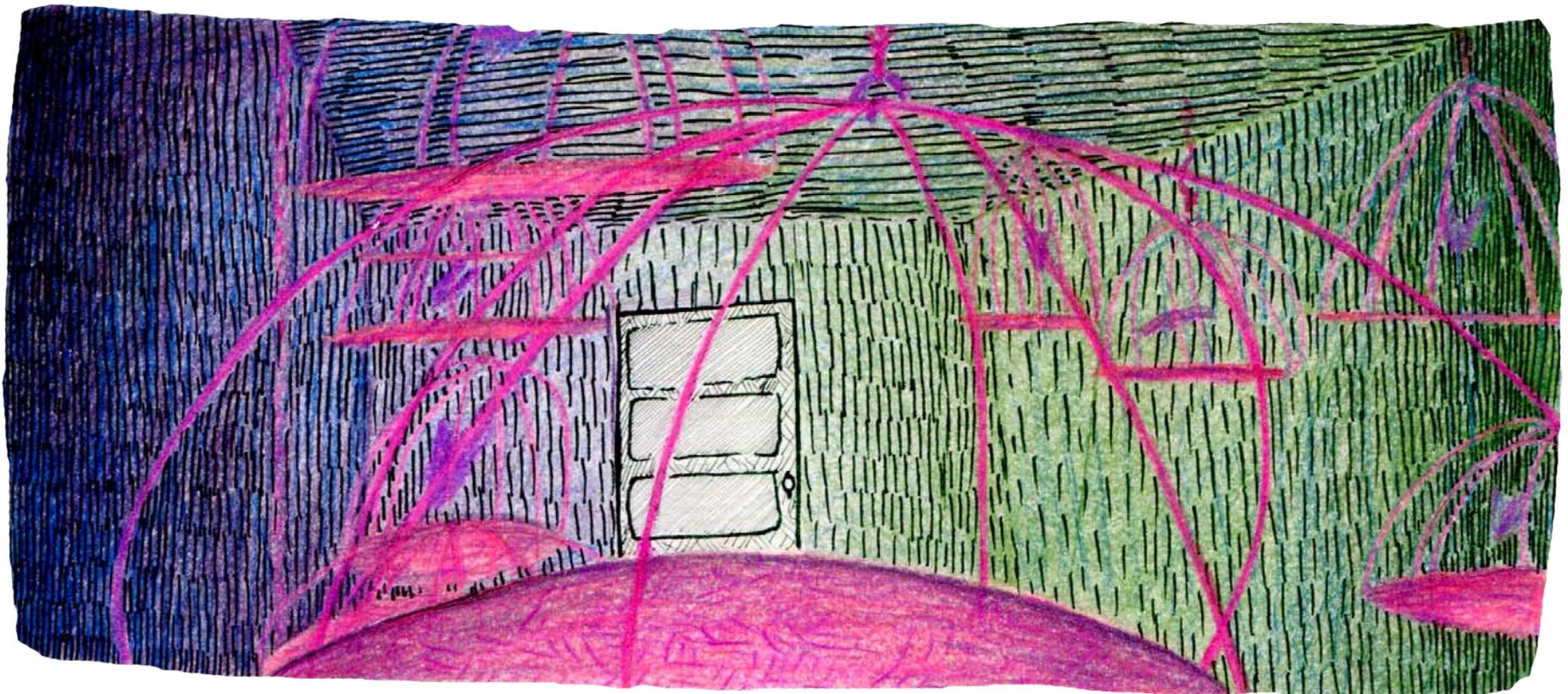
Se é divino, almejo
Se é humano, desejo
Se sou tudo, essência
Se sou nada, paciência

Se corro atrás, rebanho
Se vou à frente, me banho
Não há represa, inunde
Não há certeza, confunde

Se és escravo, alforria
Se és cativo, senhoria
Se há pecado, confesso
Se há caminho, acesso

Quando eu crescer, não sei
O que eu crescer, serei
Se és música, acorde
Se és livre, transborde

O pássaro mais estranho



O pássaro mais estranho – Mariana Muniz Pivanti

Biografia da autora: Mariana Pivanti é graduanda de Letras Inglês/ Literaturas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua como bolsista na área de Língua Inglesa e pesquisa o feminino nas obras de Virgínia Woolf.

Resumo do texto: Alguém de aparência incomum, que mora em uma cidade intimidadora e sufocante, esconde um segredo. Num apartamento abarrotado de pássaros, ela tenta achar um caminho para a liberdade.

E eis que na cidade de prédios que arranham o céu, de antenas que cortam o ar, de motores que roncam nos ouvidos, de carros que soltam monóxido de carbono e de pessoas que correm... Eis que surge um pequeno refúgio. Depois da grande avenida, próximo ao canteiro de obras, basta dobrar a esquina para avistar a copa das árvores e o pequeno portão que range quando alguém invisível passa por ali.

Agora se detenha um minuto em frente ao portão e olhe. Repare a sombra quieta que desliza embaixo dos galhos maiores. Repare o chão de terra e o chafariz murmurante, bem ali no canto esquerdo. Repare os bancos de madeira gasta. E agora, a brisa sopra tímida. E se apurar bem os ouvidos, vai ouvir as criaturas pequenas que moram ali. São insetos insignificantes, pássaros e quem sabe até algo mais, tão alheios ao intenso burburinho do lado de fora. Você está se perguntando que lugar é esse. Bem, saiba que é um lugar sem nome. Não é praça, não é jardim, não é passagem, não é atalho. Ele apenas é o que é; um espaço estreito entre dois edifícios de vidro, enormes, a se perder de vista de tão altos.

E lá dentro, o vulto oculto de uma pessoa espreita.

Ela tem cabelos curtos, bem rentes à cabeça, é jovem e veste um casaco pesado e escuro, mesmo sendo um daqueles dias abafados em que o calor fica pairando sobre nós. Quem a vê percebe logo sua postura estranhamente curvada, quase corcunda, e um leve mancar na perna esquerda.

A pessoa está parada bem entre as árvores, olhando para cima. Ela gosta de observar o voo furtivo dos pássaros, tão livres naquele universo particular. Mas hoje ela não veio observar apenas. Hoje ela veio com um propósito. E agora hesitava, temendo o que pudesse vir a acontecer.

Entretanto, para que você entenda o que vai acontecer, precisa saber algumas coisas sobre ela. Você já conhece sua aparência peculiar, então já deve imaginar também que quando ela anda pelas ruas, atrai os olhares curiosos de estranhos, às vezes disfarçados, mas sempre presentes. As crianças a olhavam, os idosos e os mendigos também. Homens e mulheres, todos a seguiam com o olhar.

Era particularmente ruim no transporte público. Não havia uma só pessoa que não desviasse os olhos da tela do celular e se desipnotizasse, mesmo que por um breve momento, para investigá-la. Não posso deixar de dizer que ela sentia certo prazer quando chocava algumas pessoas. Quando uma criança a encarava, ela fazia uma careta ameaçadora até a outra se queixar com a mãe. Para as senhorinhas levando sacolas de compras, guardava um sorrisinho irônico. Mas na maioria das vezes, eram homens, e ela é que se sentia ameaçada, e aí apressava o passo, fazendo questão de olhar para trás caso estivesse sendo seguida.

Ela não gostava do transporte público, mas precisava dele para percorrer as longas distâncias que a cidade impunha. Evitava os horários de pico para não correr o risco de ser tocada, o que não deveria ocorrer de jeito nenhum, ou então, poderiam descobrir. E ela sabia que a descoberta seria o fim, pois as pessoas temem aquilo que não conhecem, aquilo que é diferente. Então, ela mantinha uma distância segura.

E assim, lá ia andando, mancando, vagando a pé para casa todo finzinho de tarde. Ela olhava para cima nessas horas, e através da camada de fumaça e poeira percebia, pelo cantinho de céu que conseguia ver por entre os arranha céus, que o sol deveria estar se pondo. E era então que as cordas começavam a incomodar. Ela as sentia apertadas em seu corpo, machucando sua pele. Nesses momentos ela sempre se perguntava por que tinha amarrado as cordas tão fortes naquela manhã, e murmurava para si mesma que não ia apertar tanto da próxima vez. Mas no fundo sabia que estava se enganando, que as cordas eram necessárias e que sempre estariam apertadas contra suas costas e seu peito.

Finalmente chegava em casa. Ela vivia com uma senhora desde que podia se lembrar. Essa senhora não era sua mãe, nem mesmo avó, não tinham nenhum parentesco, mas era boa para ela. Além do mais, a senhora era a única que sabia de tudo. As duas moravam num apartamento apertado, minúsculo até, tão antigo que evitavam abrir as janelas para que os painéis de madeira podre não caíssem.

No corredor que dava em seu apartamento, ela desviava dos gatos que rondavam sua porta. Eles viviam em

polvorosa por causa das dezenas de pássaros que a senhora mantinha em casa. Pardais, colibris, quero-queros, bem-te-vis, andorinhas... Era uma verdadeira obsessão. As gaiolas ficavam espalhadas pelo apartamento. Havia gaiolas nas paredes, nas prateleiras, nas mesas e nos cantos de todos os cômodos. Então ela abria a porta com cuidado para os gatos não entrarem e era imediatamente recebida por uma profusão de chilros, pios e gritos. Mas o som que a incomodava verdadeiramente era o barulho das asas batendo contra as grades, o barulho do voo frustrado, da tentativa sufocada de se lançar no espaço.

Eu tenho pena desses pássaros, dessa vida miserável... Por que dar asas à criatura se ela não pode usá-las...? Seria melhor, então, que ela não as tivesse. Seria melhor que ela nunca soubesse a beleza avassaladora que tinha dentro dela, quando "dentro dela" se torna um esconderijo, um túmulo silencioso... Seria melhor que ela não ficasse imaginando que bom seria voar... A pior tortura é o prazer relegado à imaginação.

Ela não se detinha muito tempo ali. Era enlouquecedor. Uma vez em seu quarto, arrancava o casaco escuro e o lançava longe. Aquele peso morto. A corcunda ficava mais visível. Com as mãos trêmulas tirava a blusa de uma vez. E aí vinham as cordas. Nó por nó, ela os ia desfazendo. Atrapalhava-se na pressa de se livrar. E então vinha o último. Era sempre o mais difícil. E quando finalmente estava desfeito... Ah! Liberdade, enfim! Esticava suas asas largas, ocupando quase a extensão de seu quarto inteiro. Ela então se aprumava, ficava ereta e imponente, e todos os ossos de seu corpo estalavam em gratidão. Você está se perguntando que tipo de ser era ela. Bem, saiba que ela não tem definição. Não era anjo, não era aberração, não era criatura mitológica. Ela era apenas o que era; uma pessoa que por alguma razão qualquer do destino, tinha asas.

Embora às vezes eu goste de pensar que sou algum tipo de pássaro estranho que em algum momento, virou ser humano...

E isso tudo nos leva à manhã de hoje, quando ela tomou sua decisão.

Ela acordou em meio às suas penas. Era normal caírem algumas naquela época do ano. Depois de recolhê-las, foi alimentar os pássaros. A senhora saía muito cedo de casa, então essa tarefa cabia a ela. E lá foi flanando pela casa, distribuindo alpiste, deixando um rastro dele por onde passava. Até que chegou a uma gaiola nova que definitivamente não estivera ali no dia anterior, pois ela teria percebido aquele pássaro arredio e obstinado, que se esgoelava batendo em cheio nas grades sem pensar. Era um canário vermelho vivo. Aquela criatura minúscula e indefesa era a personificação do desespero. Ela o observava com seus olhos grandes e preocupados e mãos espalmadas sobre a jaula.

Shh... Shh... Você é muito pequeno, vai se machucar.

Nada que fizesse o acalmava. Ver aquela coisinha se debater e sofrer daquela forma era insuportável. Que ânsia era aquela? Que vontade era aquela de se jogar, de sair? De ser livre, talvez...? De experimentar o ar...? De estar em todos os lugares, de ser tudo...? Que vontade era aquela... Que vontade... E não é que ela sabia bem que vontade era aquela? Ou soube algum dia. A vontade que sublimou e escondeu desde a queda começava a crescer de novo, a voltar com força renovada. Era como se aquela sensação estivesse adormecida no fundo de um lago e agora começasse a despertar devagar, emanando vibrações que perturbavam a superfície quieta, crescendo e crescendo até emergir por completo. Sim, ela sabia o que era aquilo. Ela sentia a mesma coisa.

E acometida por uma compaixão avassaladora, abriu a portinhola da gaiola e deixou o pássaro voar... Ah! Era um voo deslumbrante! Ela sorriu em meio às lágrimas que começavam a brotar. Ele rodeava a sala como uma seta sem direção, livre e veloz cortando o ar com seu corpo. E então, um a um, ela libertou todos os pássaros e o caos de liberdade tomou conta do apartamento. Eles a rodeavam como satélites em órbita, guinchando de satisfação. Ela ria, mas seu riso era abafado pelas vozes dos pássaros.

Mas faltava libertar o último pássaro, o pássaro mais estranho, que não sabia se podia voar.

Jogando o casaco sobre si, sem amarrar as cordas dessa vez, foi logo para o refúgio. No caminho, a apreensão deu lugar à súbita coragem que tinha tomado no apartamento e ela teve medo.

O pássaro mais estranho

Quando eu era criança, a senhora me levou à igreja. Ela queria me mostrar as imagens dos anjos. “Veja, olhe como eles são bonitos, assim como você, minha pequena.” Mas eu não gostei... Não gostei das feições apáticas, dos pés gelados e das asas de gesso... Eu não era aquilo. Eu estava viva e queria voar. Então eu fui até a torre do sino e pulei... Bati minhas asas o mais forte que pude... Mas elas não funcionaram... Eu não voei. Fiquei meses com a perna esquerda engessada e mancando para sempre. Por que dar asas à criatura se ela não pode usá-las...?

Talvez agora fosse diferente. E é por isso que ela se encontra parada entre as árvores, onde você a viu pela primeira vez, olhando para cima, para o topo dos prédios que cercam o pequeno refúgio. Ela esfrega as mãos e sua frio, andando de um lado para o outro, ora para o portão, ora para a escada lateral do maior dos prédios, que ficava escondida por trás das árvores. Ah, o que ela não poderia fazer se pudesse voar! Se pudesse... Agora já é impossível viver com a dúvida, afinal, a pior tortura é de fato o prazer relegado à imaginação...

E então ela vai. Sobee as escadas com ânsia de chegar. O topo ainda não é visível, mas ele está lá, isso é certo. Ela corre apesar da perna manca e do fôlego que começa a falhar. *Talvez depois de hoje, isso nem seja mais um problema...* À medida que sobe, o ar fica mais rarefeito, o barulho da cidade diminui até cessar por completo, a única coisa a se ouvir é o som acelerado de sua própria respiração e o coração, tomado por euforia desmedida, parece querer pular fora e adquirir asas só para si. O topo agora está logo ali e parece mais real do que nunca.

É agora.

Ela chega e se coloca na beira do precipício. Lá embaixo, tudo é pequeno, como os insetos insignificantes do refúgio. As pessoas que a olham e que a julgam, as cordas, os pássaros enjaulados... Nada disso tem importância ali. A mesquinhez da vida se torna irrelevante. À frente, pela primeira vez na vida, ela vê o horizonte. Ele se estende para além dos prédios, para além da cidade. *O mundo é tão maior do que parece... O sol começa a se esconder atrás dele. Então isso é o pôr do sol! Uma luz alaranjada bem na beira do mundo enquanto o resto ainda é azul e pálido...*

Contra a luz, ela consegue distinguir vultos muito minúsculos e escuros... Eles se movem em bando para cada vez mais longe... Vão ficando menores... Menores... Até sumirem. São pássaros migratórios. Os mais livres de toda a espécie... E ela então decide que é exatamente para a luz alaranjada que vai rumar.

Ela retira o casaco, estica as asas, sente o vento que sopra no alto, respira bem fundo, e se lança no espaço.

Fim.

